



JOURNAL OF
GLOBAL STUDIES

ISSN 1518-1219

<http://www.meridiano47.info>

Maurício Santoro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Relações Internacionais, Rio de Janeiro – RJ, Brazil (mauricio.rocha@uerj.br).



ORCID ID:
orcid.org/0000-0002-0735-5600

Copyright:

- This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.
- Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



Rio Branco, jornalista

Rio Branco, journalist

DOI:<http://dx.doi.org/10.20889/M47e20006>

Recebido em 3 de Janeiro de 2019

Aprovado em 3 de março de 2019

Resumo

Esta resenha da biografia “Juca Paranhos, barão do Rio Branco” de Luís Cláudio Villafañe G. Santos (Santos, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos: o Barão do Rio Branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 560p) analisa a trajetória do biografado no que diz respeito a sua atividade como jovem jornalista, nas décadas de 1860 e 1870. A resenha argumenta que esse período é subestimado na carreira de Rio Branco, pois deu a ele conhecimentos e relações que posteriormente foram importantes para sua atuação como ministro das Relações Exteriores.

Abstract

This review of the biography “Juca Paranhos, barão do Rio Branco” by Luís Cláudio Villafañe G. Santos (Santos, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos: o Barão do Rio Branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 560p) analyses the trajectory of its main subject in the contexto of his activities as a young journalist in the 1860s and 1870s. This review argues that the period is underestimated in the career of Rio Branco, for it gave to him skills and relationships that were later important to his performance as minister of Foreign Affairs.

Palavras-chave: História da Política Exterior do Brasil; Barão do Rio Branco; Política Externa da Primeira República; Biografia; Jornalismo.

Keywords: History of Brazilian Foreign Policy; Baron of Rio Branco; Brazilian Foreign Policy under the First Republic; Biography; Journalism.

Axcelente biografia de José Maria da Silva Paranhos Júnior, o barão do Rio Branco, escrita pelo embaixador Luís Cláudio Villafañe Santos é o trabalho mais completo sobre o patrono da diplomacia brasileira desde o clássico que Álvaro Lins publicou em 1945 (Lins, 1996), por ocasião das comemorações do centenário do biografado. Santos tem sólida obra dedicada ao estudo da política externa, e o novo livro de certo modo continua e complementa o seu “O dia em que adiaram o carnaval” (Santos, 2010), no sentido em que ambos recorrem a abordagens sociológicas

mais amplas do que o habitual na historiografia diplomática brasileira para analisar a vida e o legado de Rio Branco.

Entre os méritos da nova biografia está o de lançar luz sobre facetas menos conhecidas da trajetória de Paranhos, como a difícil relação com seu pai, o Visconde do Rio Branco, ou a crônica de sua juventude boêmia no Rio de Janeiro, que prejudicou o início de sua carreira no ambiente bastante conservador da Corte do Segundo Reinado. Esta resenha trata de um desses aspectos tradicionalmente menos estudados nas análises sobre o barão: o lugar central que o jornalismo teve em suas atividades profissionais e políticas, fornecendo-lhe habilidades e redes de contatos pessoais que posteriormente lhe foram muito úteis para o exercício do cargo de ministro das Relações Exteriores.

A importância da imprensa na vida de Paranhos tem sido com frequência subestimada. Santos ressalta os múltiplos papéis que Rio Branco desempenhou na mídia brasileira e estrangeira nos séculos XIX e XX: “correspondente de jornais estrangeiros no Brasil, jornalista ‘de oposição’, jornalista ‘governista’, membro da direção do jornal, editorialista, cronista, correspondente brasileiro no exterior, forte – e a partir de determinado momento, ele próprio – notícia.”

Rio Branco e a imprensa no Segundo Reinado

A presença de Paranhos na imprensa foi particularmente intensa em dois momentos: quando ele era um jovem estudante universitário e político, nas décadas de 1860 e 1870, e quando foi ministro das Relações Exteriores, entre 1902-1912.

O primeiro momento é o início do declínio do Segundo Reinado, com uma sucessão de crises: a deflagração da guerra da Tríplice Aliança, conflitos partidários mais acirrados entre conservadores e liberais (e no âmbito interno de cada agremiação), o ressurgimento do movimento republicano, o início da Questão Religiosa (tensões entre Igreja Católica e a monarquia por divergências sobre como lidar com a maçonaria) e um passo importante na abolição da escravidão, promulgação da lei do Ventre Livre. Rio Branco participou de modo significativo de todos esses debates.

O Segundo Reinado foi marcado por um rico debate midiático, com a profusão de jornais e revistas, em geral vinculados aos principais partidos políticos da época, em contexto de ampla liberdade de expressão. O Patriarca da família Paranhos havia iniciado sua impressionante carreira política entre os liberais, mas na década de 1860 já era há muitos anos um dos nomes mais expressivos entre os conservadores. O filho apoiava o pai incondicionalmente, travando suas batalhas na imprensa.

Rio Branco estreou nos jornais no último ano da faculdade de Direito, escrevendo textos históricos sobre as guerras na Bacia do Rio da Prata – o tema lhe acompanharia por toda a vida. Com o início do conflito contra o Paraguai, ele se torna colaborador de um órgão conservador, o “Vinte e Cinco de Março”, onde será “um feroz jornalista de oposição, bem informado e implacável.”

Razões de sua fúria: o modo como o governo liberal conduziu as operações bélicas e o tratamento desrespeitoso que seu pai recebeu ao voltar do Prata. Rio Branco sênior negociou a aliança do Brasil com Argentina e Uruguai, mas foi duramente criticado por grupos exaltados que defendiam posições mais duras, incluindo o bombardeio de Montevideú em represália a ataques sofridos por brasileiros.

A guerra da Tríplice Aliança não trouxe unidade nacional e o filho criticava os liberais com ardor partidário, mas com grande conhecimento dos fatos e dos detalhes da história e geografia do Prata. Um de seus principais alvos era o almirante Tamandaré, velho desafeto de seu pai por conta das discordâncias durante a intervenção militar brasileira no Uruguai, estopim do confronto com o Paraguai.

A virulência do jovem Rio Branco impressionou o biógrafo: “o desassombro e a violência com que atacava o chefe da esquadra de seu país em tempos de guerra causa certo espanto.” A jornais europeus, Rio Branco enviava uma cobertura do conflito que dava perspectiva favorável das pretensões brasileiras, tentando enfrentar certa simpatia pelo lado paraguaio na opinião pública estrangeira.

As dificuldades nos campos de batalha do Paraguai levaram a uma crise política e o imperador afastará os liberais do poder, convocando novamente os conservadores. Após a vitória o partido permanecerá no governo e o pai de Rio Branco se tornará primeiro-ministro, o mais longo do Segundo Reinado, com a árdua missão de aprovar a lei do Ventre Livre. Por esses serviços o imperador Pedro II o nobilitaria como Visconde.

Foi um passo decisivo para a Abolição, mas dividiu os conservadores. Uma ala do partido, conhecida como “emperrada”, resistia a qualquer mudança para acabar com a escravidão. Os embates ocorriam no parlamento e na imprensa: “Naquela época a imprensa brasileira não cultivava a ilusão da isenção”, nota Santos, com elegância. O resultado: Paranhos pai era criticado de todos os lados do espectro partidário e decidiu apoiar a criação de um jornal para defender suas posições, “A Nação”. O filho teve papel destaque na nova folha. Como era praxe na época, o governo subsidiava financeiramente a publicação, como o fazia com jornalistas amigos em outros órgãos de mídia.

Os jornais do Segundo Reinado eram pequenos. Traziam algumas notícias sobre o comércio, como chegada de navios e anúncios. Mas o coração eram os artigos a respeito de política e, em alguns casos, a publicação de folhetins literários. Costumavam ter também seções chamadas “A Pedidos” nas quais eram publicadas cartas de leitores e artigos anônimos, às vezes da própria equipe do jornal, com alto grau de partidarização e virulência.

Nas décadas de 1860 e 1870 Rio Branco filho teve breve e pouco expressiva carreira como advogado e deputado, representando a província de Mato Grosso em duas legislaturas. Era visto como um político apagado, à sombra do pai. Mas como jornalista era talentoso e apaixonado. Seus artigos eram tão bons que havia quem duvidasse que o autor era aquele jovem que parecia tão pouco promissor: “No início, aliás, comentou-se que os textos sobre temas de política internacional teriam escritos pelo próprio visconde.”

Além dos debates sobre a alta política imperial, Rio Branco se dedicava a um jornalismo mais leve, como cronista da vida mundana do Rio de Janeiro para o jornal Vida Fluminense. Santos recupera os passos do boêmio Juca Paranhos: suas idas aos cabarés, as brigas e farras de madrugada, sua história de amor com a atriz belga Marie Philomène Stevens. Algumas de suas observações brincavam com termos da política internacional, como esta caracterização de uma vedete popular na noite carioca: “Não é mulher aquilo; é um diabrete. Qual o ministro plenipotenciário que a vence em diplomacia?”

Em meados da década de 1870, a vida de Rio Branco atingiu um impasse. Aos 30 anos Paranhos se via em dificuldades econômicas para sustentar uma família crescentes de filhos que vinha tendo

com Marie, ao mesmo tempo em que ficava clara sua falta de vocação para a vida parlamentar ou para a advocacia: “As atividades que de fato o seduziam, a pesquisa histórica e o jornalismo, eram fonte de prejuízos financeiros.”

No Segundo Reinado a imprensa era um trampolim para carreiras na política ou na diplomacia, mas não era, ela mesma, uma base segura para uma vida economicamente confortável. A solução pessoal encontrada por Rio Branco é bem conhecida: o lucrativo posto como cônsul em Liverpool e sua ida para o exterior, onde ficou por vinte anos.

É uma hipótese fascinante imaginar o que teria sido sua vida profissional como jornalista caso tivesse optado por permanecer no Brasil. A crise imperial a partir da década de 1870 foi acompanhada por mudanças na imprensa, com o surgimento ou fortalecimento de jornais e revistas que buscavam escapar do vínculo partidário tradicional e oferecer noticiário mais objetivo (Jornal do Comércio, Revista Ilustrada) ou pela proliferação de pequenas folhas abolicionistas e/ou republicanas (Alonso, 2015). Não faltava talento ao jovem Paranhos para aproveitar ao menos algumas das oportunidades que surgiam nesse meio em transformação.

O chanceler e a imprensa na República

As duas décadas em que Rio Branco serviu como cônsul em Liverpool e em outros ocasionais serviços diplomáticos no exterior foram de menos engajamento com a imprensa. Contudo, sua relação com a mídia voltaria a ser muito intensa no período em que exerceu o cargo de ministro das Relações Exteriores (1902-1912).

Em sua década à frente do Itamaraty, o barão demonstrou grande atenção à imprensa como um instrumento importante para a política externa, realizando muitas ações que hoje seriam consideradas como “diplomacia pública”, isto é, o esforço de um diálogo direto com sociedades estrangeiras, para além da abordagem tradicional do relacionamento entre governos. Em sua gestão o ministério era um ponto de parada obrigatória para repórteres e celebridades estrangeiras de passagem pelo Brasil.

O barão procurava manter bom relacionamento com jornalistas brasileiros e estrangeiros, dando muitas entrevistas, conversando com os repórteres e mantendo-os informados com notícias frescas sobre as atividades da chancelaria. Os métodos nem sempre eram os mais edificantes. A República deu continuidade à prática do Segundo Reinado de pagamento para jornais que apoiavam o governo, e havia até uma rubrica própria e confidencial para isso no orçamento do ministério: “Fica claro que boa parte da verba ‘reservada’ do Itamaraty ia parar nas mãos dos jornalistas e dos proprietários dos diários mais importantes.”

Em outros casos, Rio Branco recorria a amigos que pudessem expressar seus pontos de vista na imprensa, ou ia ele mesmo às redações para escrever artigos e editoriais, sob pseudônimo. Fazia isso com frequência no Jornal do Comércio, que era então o órgão de mídia mais respeitado do Brasil, e com quem o barão mantinha antigas e cordiais relações.

Embora hoje em dia o barão seja uma unanimidade nacional, Santos mostra que houve muita oposição a sua atuação como ministro, em particular no que diz respeito às negociações de fronteira

com a Bolívia. As reações mais negativas vieram do Correio da Manhã, cujos ataques a Rio Branco com frequência degeneravam em polêmicas sobre sua vida íntima e seu passado boêmio.

Também nesse caso o barão recorreu aos métodos clientelistas da época, apaziguando os ânimos do jornal em troca de cargos na carreira diplomática para filhos de alguns dos principais expoentes do diário. Um deles, Pedro Leão Veloso, teve trajetória de destaque no Itamaraty, incluindo o posto de ministro das Relações Exteriores, ocasião em que criou a academia do serviço exterior – o Instituto Rio Branco!

A imprensa também foi um espaço crucial para uma das mais célebres rivalidades da vida de Rio Branco – sua longa história de conflitos com o político e diplomata argentino Estanislao Zeballos. A inimizade entre os dois começou em 1875, quando ambos eram jovens jornalistas e trocaram farpas entre nos jornais da Argentina e do Brasil, por conta de um incidente menor. O representante argentino no Brasil havia deixado o país sem se despedir de Pedro II, o que Paranhos classificou como “gaucherie” (gafe). Zeballos entendeu “gauchada” e replicou ofendido, até ser corrigido.

O episódio poderia ter sido apenas uma nota de rodapé, se não fosse o início da longa disputa entre os dois. Na década de 1890, na negociação de fronteira da questão de Palmas, Zeballos foi o antagonista de Rio Branco, derrotado pelo brasileiro, cujo laudo rendeu ao Brasil a maior parte da área contestada.

Os dois rivais voltaram a se defrontar na década seguinte, quando ambos eram ministros das Relações Exteriores de seus países. Zeballos perdeu o posto por conta de posturas muito agressivas com relação ao programa de rearmamento naval do Brasil. Fora do governo, publicou o que seria um suposto telegrama secreto da diplomacia brasileira, que revelaria intenções hostis de Rio Branco contra a Argentina.

A reação do barão foi habilidosa, apostando na transparência para lidar com um tema delicado. Publicou no diário oficial o texto original do telegrama e o código usado para cifrá-lo, comprovando que o documento apresentado por Zeballos era uma farsa. Rapidamente o episódio foi superado.

Em resumo, a trajetória de Rio Branco como homem de imprensa é um tema subestimado no estudo de sua vida, pois forneceu ao jovem Paranhos habilidades e contatos pessoais que muito o ajudaram em sua carreira diplomática, dando-lhe uma ampla visão da política e da sociedade que logrou utilizar de forma inovadora em seu período como chanceler. A atenção a esse período ainda pouco analisado de sua vida é um dos bons destaques da biografia escrita por Santos.

Referências Bibliográficas

- Alonso, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.
- Lins, Alvaro. *Rio Branco*. 3ª edição. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1996. [Edição original: 1945].
- Santos, Luís Cláudio Villafañe G. *Juca Paranhos, o barão do Rio Branco*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.
- Santos, Luís Cláudio Villafañe G. *O dia em que adiaram o carnaval: política externa e a construção do Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.